



DESAFIOS NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TEA: COMO IDENTIFICAR SINAIS EM CRIANÇAS

ANTONIO CARLOS MAGALHAES DE MENEZES

RESUMO

O diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um desafio importante, pois a identificação antecipada pode melhorar o desenvolvimento e a qualidade de vida das crianças. No entanto, a detecção precoce enfrenta obstáculos, como a variabilidade nos sinais do TEA e a falta de treinamento adequado dos profissionais de saúde e educação. Muitos sinais do TEA podem ser sutis ou confundidos com outras condições, o que torna o diagnóstico complexo. Além disso, o estigma e a falta de compreensão sobre o transtorno podem retardar a busca por avaliação especializada. A identificação precoce envolve observar comportamentos como dificuldades na comunicação verbal e não verbal, interação social limitada e padrões repetitivos de comportamento. Embora não exista um único teste diagnóstico, a combinação de observação comportamental, entrevistas com os pais e ferramentas de triagem pode ajudar a identificar sinais precoces. A intervenção imediata, com terapias adequadas, pode melhorar as habilidades sociais, cognitivas e emocionais da criança. No entanto, a conscientização sobre o TEA e a capacitação contínua dos profissionais são essenciais para superar os desafios do diagnóstico precoce.

Palavras-chave: Diagnóstico precoce; Transtorno do Espectro Autista (TEA); Intervenção terapêutica

1 INTRODUÇÃO

O diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um aspecto fundamental para garantir uma intervenção eficaz e o desenvolvimento adequado das crianças afetadas. No entanto, a identificação dos sinais do TEA apresenta desafios significativos, principalmente devido à diversidade das manifestações da condição e à falta de familiaridade de muitos profissionais e pais com os primeiros sinais indicativos do transtorno. O TEA pode se manifestar de maneiras variadas, com diferentes intensidades e combinações de sintomas, tornando o diagnóstico precoce uma tarefa complexa. DIAS salienta:

Concordamos com Dias, quando ela afirma: Ao se conhecer o conceito do autismo através dos critérios que definem seu comportamento, torna-se mais fácil pensar alunos autistas torna-se fundamental, pois é através do contato social dentro das escolas, que favorecerá não só seu desenvolvimento, mas também no de outros alunos, com o objetivo de aprimorar a convivência com o semelhante em suas diferenças e o aprender a respeitar uns aos outros, na medida em que possam aprender a compartilhar suas disparidades e experiências em uma nova visão no espaço escolar. (DIAS, 2017, p. 19)

Reconhecemos a importância do conhecimento sobre o autismo para promover a inclusão no ambiente escolar. Ao compreender os critérios que definem o comportamento autista, torna-se possível proporcionar um espaço mais acolhedor e adaptado para os alunos com TEA. O contato social no ambiente escolar não apenas contribui para o desenvolvimento das crianças com autismo, mas também enriquece a experiência dos outros alunos, que aprendem a conviver com as diferenças. Essa interação mútua favorece a construção de um

ambiente de respeito, empatia e solidariedade. A convivência com as disparidades e a troca de experiências são fundamentais para a formação de uma sociedade mais inclusiva, onde as crianças aprendem a respeitar as diferenças e a compartilhar vivências, promovendo o crescimento coletivo.

Entre os principais desafios está a dificuldade em distinguir os sinais do TEA de comportamentos típicos do desenvolvimento infantil ou de outras condições, como distúrbios de linguagem ou dificuldades de aprendizagem. Além disso, a conscientização sobre o TEA nem sempre está presente entre os profissionais de saúde e educação, o que pode atrasar a busca por avaliação especializada. Os sinais mais comuns incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, comportamentos repetitivos, dificuldades na interação social e na compreensão de normas sociais, que podem ser observados já nos primeiros anos de vida.

Desde a detecção dos sinais até o diagnóstico propriamente dito, são necessários o acompanhamento e a intervenção. Para isso, apresentam-se a seguir um rol de sinais de problemas de desenvolvimento (Bair et al., 2006) e um rol de características sugestivas de TEA que são encontrados com frequência no histórico clínico e nas pesquisas com pacientes diagnosticados com TEA (Barbaro, Ridgway, & Dissnayake, 2011). Isso não quer dizer que todas as crianças que os apresentarem necessariamente receberão tal diagnóstico. (Brasil, 2014, pp. 16-17)

A citação destaca a complexidade do processo de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que envolve a detecção dos sinais iniciais, o acompanhamento contínuo e a intervenção precoce. O reconhecimento dos sinais de problemas de desenvolvimento é crucial, pois permite a identificação de padrões comportamentais que podem sugerir o TEA. No entanto, como afirmado por Brasil (2014), o fato de uma criança apresentar características típicas do transtorno não garante que ela será diagnosticada com autismo, dado que outras condições também podem gerar comportamentos semelhantes. O acompanhamento contínuo das crianças é um aspecto fundamental, visto que o diagnóstico precoce e a intervenção têm mostrado um impacto positivo no desenvolvimento das crianças com TEA.

A detecção precoce é essencial, pois a intervenção nos primeiros anos pode promover significativas melhorias nas habilidades cognitivas, sociais e comportamentais da criança. No entanto, o diagnóstico envolve um processo cuidadoso que requer uma combinação de observação, avaliações comportamentais e consultas com especialistas, como psicólogos e pediatras. Este estudo tem como objetivo discutir os desafios enfrentados no diagnóstico precoce do TEA, identificar os principais sinais que devem ser observados em crianças e explorar as implicações da identificação antecipada para o tratamento e o desenvolvimento da criança.

Como existe uma série de graus de autismo, a intensidade dos sintomas pode variar. “A criança no extremo do espectro tem seu comportamento bastante comprometido, enquanto a pessoa de grau leve pode ser extremamente brilhante”, diz o dr. Estevão Vadasz, professor do Instituto de Psiquiatria (IPq) da USP. “Enquanto alguns não falam nem se comunicam, alguns autistas são muito inteligentes.” Segundo o professor, uma criança pode evoluir se diagnosticada cedo e se submetida a tratamento adequado. “O diagnóstico e tratamento precoce, com a criança de até um ano e meio, é o grande salto nos países desenvolvidos”, afirma Vadasz. (Oliveira, 2015, Abril).

O texto, baseado nas palavras do Dr. Estevão Vadasz, professor do Instituto de Psiquiatria (IPq) da USP, destaca a diversidade de graus do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a variação na intensidade dos sintomas. Enquanto crianças no extremo do espectro apresentam comprometimentos severos, algumas com grau leve podem ser altamente inteligentes. Vadasz ressalta a importância do diagnóstico e tratamento precoce, especialmente antes dos 18 meses, como um fator determinante para o desenvolvimento da criança. Ele

ênfatisa que, em países desenvolvidos, o diagnóstico precoce é fundamental para garantir uma evolução significativa no quadro das crianças com autismo.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo qualitativo e exploratório visa investigar os desafios no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e como identificar sinais em crianças. A amostra foi composta por 15 profissionais da saúde (psicólogos, pediatras e neurologistas) e da educação (educadores e pedagogos), com experiência mínima de 3 anos no atendimento de crianças com TEA. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com duração de 30 a 45 minutos, além de observações em escolas e centros de saúde. Também foi realizada uma revisão da literatura científica sobre o diagnóstico precoce do TEA. Os dados foram analisados usando a técnica de análise de conteúdo, categorizando os desafios e estratégias relatadas pelos profissionais.

O estudo seguiu princípios éticos, com consentimento informado dos participantes. Limitações incluem a amostra restrita, que pode não representar todas as realidades profissionais, e o foco em um contexto urbano.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada com 15 profissionais das áreas da saúde e educação revelou diversos desafios no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Através das entrevistas e observações, foram identificadas algumas categorias principais que contribuíram para uma compreensão mais clara das dificuldades enfrentadas na detecção precoce do transtorno.

Primeiramente, os profissionais relataram dificuldades significativas na identificação dos sinais iniciais do TEA. Muitos desses sinais são sutis e podem ser facilmente confundidos com outros distúrbios, como distúrbios de linguagem ou dificuldades de aprendizagem. Além disso, a grande variação na manifestação dos sintomas, que pode ser mais grave em alguns casos e mais leve em outros, torna o diagnóstico precoce ainda mais desafiador. Isso evidencia a necessidade de uma observação cuidadosa e criteriosa dos comportamentos da criança nos primeiros anos de vida. Outro desafio mencionado foi a falta de capacitação específica entre os profissionais de saúde e educação. Muitos profissionais indicaram que não possuem o treinamento adequado para identificar os sinais do TEA em suas fases iniciais. Essa falta de preparo pode atrasar o diagnóstico e o encaminhamento para especialistas, prejudicando a intervenção precoce, que é crucial para o desenvolvimento da criança. Além disso, a escassez de recursos e programas de formação contínua nos contextos clínico e educacional também foi citada como um obstáculo importante.

O estigma associado ao TEA foi outro fator destacado na pesquisa. Muitos pais, por medo de um diagnóstico negativo ou da exclusão social de seus filhos, evitam procurar ajuda até que os sinais do transtorno se tornem mais evidentes. Esse estigma, tanto social quanto entre alguns profissionais, pode retardar a busca por avaliação especializada, o que resulta em um diagnóstico tardio. A redução desse estigma, por meio de programas de conscientização, é essencial para facilitar o acesso ao diagnóstico e tratamento precoce. Apesar desses desafios, a pesquisa revelou que, quando o diagnóstico é feito precocemente, a intervenção terapêutica pode promover melhorias significativas no desenvolvimento das crianças com TEA. A grande maioria dos profissionais entrevistados concordou que terapias adequadas, como a terapia comportamental e programas de educação inclusiva, podem melhorar as habilidades cognitivas, sociais e emocionais das crianças com autismo. Isso reforça a importância de um diagnóstico rápido, que permita o início precoce de intervenções adaptadas às necessidades da criança. Em relação à variação nos sintomas do TEA, os profissionais também destacaram que, enquanto algumas crianças apresentam comprometimentos severos em várias áreas, outras, com grau

leve, podem ser extremamente brilhantes e ter habilidades cognitivas acima da média. Isso reforça a ideia de que o diagnóstico e a intervenção devem ser personalizados, levando em consideração o grau e as características individuais de cada criança. Conforme discutido por Vadasz (2015), o diagnóstico precoce, especialmente até os 18 meses de idade, é fundamental para garantir a melhor evolução possível para a criança com TEA. Em países desenvolvidos, onde há programas de diagnóstico e tratamento mais estruturados, os resultados das intervenções precoces têm mostrado um impacto significativamente positivo no desenvolvimento das crianças. A experiência desses países pode servir de modelo para melhorar o diagnóstico e a intervenção no Brasil e em outros contextos.

Em síntese, os resultados da pesquisa evidenciam que, embora existam diversos desafios no diagnóstico precoce do TEA, a combinação de uma observação clínica cuidadosa, entrevistas com os pais e o uso de ferramentas de triagem podem ser eficazes na identificação dos sinais iniciais. Além disso, a intervenção precoce, quando realizada de forma adequada, pode melhorar significativamente a qualidade de vida das crianças com TEA, ajudando-as a desenvolver habilidades sociais, cognitivas e emocionais fundamentais para o seu crescimento. Superar as barreiras relacionadas à falta de capacitação, estigma e a diversidade dos sintomas é essencial para garantir que mais crianças recebam o suporte necessário o quanto antes.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa sobre os desafios no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) evidenciou uma série de obstáculos significativos, como a variabilidade nos sinais do transtorno, a falta de capacitação dos profissionais de saúde e educação, e o estigma social associado ao autismo. Esses fatores dificultam a identificação precoce, crucial para a intervenção eficaz e o desenvolvimento adequado das crianças com TEA. No entanto, os resultados indicam que, quando o diagnóstico é feito precocemente, as crianças podem se beneficiar enormemente de intervenções terapêuticas, com melhorias nas habilidades sociais, cognitivas e emocionais.

A diversidade nos sintomas do TEA também destaca a necessidade de um diagnóstico personalizado, levando em consideração a gravidade e as características individuais de cada criança. A pesquisa mostrou que, apesar das dificuldades, a combinação de observação cuidadosa, entrevistas com os pais e o uso de ferramentas de triagem pode ser eficaz para identificar os sinais iniciais do transtorno. Além disso, a capacitação contínua dos profissionais de saúde e educação, bem como programas de conscientização para reduzir o estigma, são fundamentais para melhorar o processo de diagnóstico precoce.

O estudo reafirma a importância do diagnóstico e tratamento precoce, como defendido por especialistas, como o Dr. Estevão Vadasz, que destaca que, em países desenvolvidos, essa abordagem tem mostrado impactos positivos no desenvolvimento das crianças. Esse modelo deve ser adotado em contextos como o brasileiro, com adaptações locais, para garantir um diagnóstico mais rápido e um melhor suporte para as crianças com TEA. A superação das barreiras relacionadas à capacitação, estigma e diversidade dos sintomas é essencial para garantir que mais crianças recebam o apoio necessário o mais cedo possível, proporcionando-lhes as melhores oportunidades para um desenvolvimento pleno e saudável.

REFERÊNCIAS

Brasil. Diretrizes de Atenção à reabilitação de pessoa com transtorno do espectro do autismo (TEA). Brasília, DF, 2014.

DIAS, Nadla dos Santos Dias – Autismo: estratégias de intervenção no desafio da inclusão no âmbito escolar, na perspectiva da análise do comportamento. O Portal dos Psicólogos (2017).

MENEZES, A. R. S. de. **Inclusão escolar de alunos com autismo**: quem ensina e quem aprende? 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

WHITMAN, Thomas L. História, definição e avaliação. In: **O desenvolvimento do Autismo**. São Paulo: M.Books, 2015.

ZAQUEU, L.; TEIXEIRA, M.; ALCKMIN-CARVALHO, F.; *et al.* Associações entre Sinais Precoces de Autismo, Atenção Compartilhada e Atrasos no Desenvolvimento Infantil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol 31, no 3, bl 293–302, 2015.